



# RELIGIÃO, IDENTIDADE E TRADIÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS IDENTIDADES TRADICIONAIS NOS MARACATUS NAÇÃO DE PERNAMBUCO.

Walter Ferreira de França Filho<sup>1</sup>  
Profª Ms. Maria da Glória Dias Medeiros<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa encontra-se em andamento e centra-se no estudo da importância do religioso, do tradicional e das identidades nos maracatus nação do Recife. Pois um novo perfil dual aparece nesse período, em meio ao sagrado e o profano (entenda-se *lúdico*), na vertiginosa cena cultural recifense passando a existir ainda mais folclórica, na representação dos maracatus nação do Recife, em sustentação a uma cultura identitária pernambucana. O maracatu-nação tradicional vem de uma origem religiosa, sendo estes, *a posteriori*, sagrados nos terreiros de xangô pernambucano ou candomblé. Na atualidade, principalmente no século XXI, as nações de maracatu participam de inúmeros eventos sociais da cena cultural da cidade, coisa que até bem pouco, não acontecia, pois eram perseguidos e presos, principalmente por seguirem a religião dos Orixás, tendo estes que camuflar sua crença. As principais formas de iludir o Estado era fundar blocos carnavalescos e ao toque dos tambores de um maracatu. Mesmo carregado de negrume o brinqueado denota atualmente alegria e satisfação perante a sociedade, e tem um significado, para além da esfera religiosa, na valoração das origens africanas e na interação cultural afro-pernambucana. Brinqueado que atraiu principalmente as camadas mais abastadas recifenses nesse período. Esta pesquisa tende ainda a busca e analisar através do conceito de plausibilidade social de Peter Berger, a idéia de que a realidade é construção social, a partir das representações e desdobramentos dos personagens sociais que a rege, como caráter daquilo que foi e continua sendo feito com empenho, perseverança e firmeza desde os antigos, que seguraram o fardo, para que pudéssemos brincar de maracatu na atualidade. Neste sentido, buscaremos trazer à luz, o contexto do sagrado e profano alicerçado em Mircea Eliade, que possibilitará traduzir a hierofania nos maracatus e maracatuzeiros na construção e na trajetória dos diferentes espaços conquistados pelos Maracatus nação do Recife.

<sup>1</sup> Aluno graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco; walrcf@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de História da Universidade Católica de Pernambuco. Mestra pela Universidade Federal de Pernambuco; gloria@unicap.br



**Palavras-chave: maracatu-nação tradicional, cultura negra, Religião e maracatu, carnaval pernambucano.**

### ABSTRACT

This research is ongoing and focuses on the study of the importance of religious, traditional and identities in the nation Maracatu Recife. For a new dual profile appears in this period, amidst the sacred and the profane (meaning play), dizzying cultural scene in Recife going to be even more folk in the representation of maracatu nation of Recife, to sustain a culture identity Pernambuco. Maracatu-nation comes from a traditional religious background, the latter being a posteriori, from Xango terreiros sacred in Pernambuco or Candomble. Nowadays, especially in the twenty-first century, nations maracatu participate in numerous social events of the city's cultural scene, something that until recently, did not happen, because they were harassed and arrested, mainly for following the religion of the Orishas, these have to camouflage his belief. The main ways to circumvent the state was founded carnival and drums of Maracatu one. Even the toy-laden gloom currently denotes joy and satisfaction towards the company, and has a meaning beyond the religious sphere, in the valuation of African origins and cultural interaction african-Pernambuco. Toy that attracted mainly the wealthier layers recifenses this period. This research still tends to search through and analyze the concept of social plausibility of Peter Berger, the idea that reality is social construction, from the representations of characters and social developments that governs like character of what was and is done with commitment, perseverance and tenacity from the ancients, who held the burden, so we could play maracatu today. In this sense, we try to bring to light, the context of the sacred and profane grounded in Mircea Eliade, which will enable us to translate hierophany maracatus and in the construction and history of different areas conquered by Maracatus nation of Recife.

**Keywords: Maracatu Nation-traditional black culture, religion and maracatu, carnival in Pernambuco.**



Fig 1 –Imagem do II encontro nacional de pessoas que trabalham com a música e a dança do maracatu de baque virado em 2003 no Estado de São Paulo.

Eram típicos no carnaval de antigamente.

Típicos, numerosos, importantes, suntuosos.

No meio do vozerio da mascarada, dominando as marchas dos cordões, ouvia-se ainda longe o rumor constante, uniforme, monótono dos atabaques.

Bum... bum... bum... bum...

Bum... bum... bum... bum...

Era um maracatu.

Havia os que gostavam dele e esperavam-no com curiosidade.

Haviam os que protestavam contra a revivescência africana e resmungavam.

Bum... bum... bum... bum...

(SETTE. 1981:251)



### INTRODUÇÃO

Discutir a gênese do maracatu nos leva a uma alteração em torno da nossa temática, pois a única afirmação que temos é que surge de uma geratriz africana, e os seus ao serem traficados para estas terras do Brasil, como mercadoria, trocados por cachaça e outros artigos, fundiram a fé dos Orixás, sincretizaram costumes e práticas diversas dos povos africanos. Afirmar qualquer fato concreto em torno desta história dos toques africanos do Brasil, no qual o maracatu se insere, pode-se cair nos abissais dos vários escólios históricos. As religiões de matrizes africanas no Brasil têm como características religiosas consuetudinárias uma micela de costumes dos povos africanos mercadejados para o Brasil desde o século XVI até meados do século XIX. Sua religião, através dos sincretismos religiosos e culturais mantiveram-se vivos convertendo-se em folclore na atualidade, como o caso do nosso maracatus, em Pernambuco e outros folguedos pelo restante do país. Mantinham e continuam a manter suas práticas ritualísticas através de suas brincadeiras e sincretismo afro-católico.

Mesmo proibidos de praticarem a sua religião ancestral, os negros e negras ao longo dos séculos, recriaram de criativa a sua experiência religiosa, condensando-a em uma nova constelação simbólica de valores e sentidos fundamentais para a sua existência.

Não cabia a estes homens e mulheres outra atitude a não ser buscar, diante da nova realidade social, produzir coletivamente uma reinterpretação dos seus valores e símbolos.<sup>3</sup>

Segundo o Pe. Lino do Monte Carmelo Luna, o maracatu era chamado de afoxé<sup>4</sup>, e destes mini rituais o maracatu mais tarde iria provavelmente surgir. Também é possíveis ser recordações das coroações de reis africanos (do Congo e Angola), como se colocam por muitos como a mais provável, ou como sátira da pompa das cortes européias. Não se sabe absolutamente o que teria suscitado a origem dos maracatus, até onde se rastreia sua possível

---

<sup>3</sup> VASCONCELOS, Sérgio S. Douets. O sincretismo afro-católico: a solução de um trauma. *In*: BRANDÃO, Silvana (Org.). História das religiões no Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. Vol. 3. Pag 294

<sup>4</sup> Referência feita por Guerra Peixe in. Maracatus do Recife. A Pe. Lino do monte Carmelo Luna como percussor do pseudônimo Maracatu em 1867, pois anteriormente seria chamado de afoxé. Também afirmado por, João Batista de Jesus, alcunhado de Veludinho “‘maracatu’ foi o nome dado ‘ao povo das Nações’ pelos ‘homens grandes’ e que o nome verdadeiro era ‘afoxé da África’” in Eudes o Rei do Maracatu. P 57

gênese – o maracatu, da forma hoje conhecida - tem origem nas coroações dos já citados reis de congo por volta de 1666<sup>5</sup>. Pernambuco teve até fins do século XIX, seu rei, D. Antônio<sup>6</sup>.

A natureza deste visa ainda abordar dentro das nações de maracatu de baque virado do Recife, os fatores reagentes do religioso, da tradição e da identidade, percebendo o que as nações consideram ou mantêm como tradicional. O maracatu do tipo nação figura com destaque na cena cultural, local, regional, nacional e até internacional. Seus mestres são cobiçados por oficinas até no exterior como no caso dos mestres das nações Estrela Brilhante do Recife, Porto Rico do Oriente, Estrela Brilhante de Igarassu, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, entre outras nações. E como eventos de alcance nacional como os Encontros nacionais de pessoas que trabalham com a música e dança do maracatu de baque virado realizados em São Paulo.



Fig. 2, 3, 4 e 5. Imagens do II encontro nacional de pessoas que trabalham com a música e a dança do maracatu de baque virado em 2003 no Estado de São Paulo.

<sup>5</sup> COSTA, F. A. Pereira da. Anais Pernambucanos (coleção pernambucana 2ª fase, V 10) P. 408.

<sup>6</sup> MAC CORD, Marcelo. O Rosário de D. Antônio: *irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872*, Recife, FAPESP/Editora Universitária UFPE, 2005

Então, desvendar este fenômeno em torno dos maracatus nação do Recife é simplesmente extraordinário. Sendo assim, depoimentos dos brincantes e obras literárias que versem sobre o maracatu será a argamassa do corpo deste trabalho. Como principal objetivo, queremos compreender a relação com a religião dos Orixás, dentro de suas comunidades e terreiros, identificando a relação entre comunidade e sua relação com outros maracatus e não menos importante o diálogo com a classe média tentando abarcar a inserção destes dentro dos maracatus Nação, visto que são de realidades bastante antagônicas. Hoje temos variados grupos percussivos espalhados pelo Brasil e pelo mundo, no Recife existe um movimento



Fig. 6. Dama do paço do maracatu Estrela Brilhante de Igarassu. Noite dos tambores silenciosos 2007.



### OS MARACATUS NAÇÃO NOS ARRABALDES DA CIDADE

Antecedendo a discussão (cultural) é necessário pontuar as falácias em torno da cultura e da religiosidade dos antepassados africanos, nas escolas, nas residências, nas casas de oração, entre outros públicos e particulares, talvez por se tratar de desinformação, ou de apenas serem “ignorantizados” por indivíduos que se intitulam libertadores na fé, e que demonizam a religiosidade e, por conseguinte as brincadeiras folclóricas.

“O candomblé sobrevive até hoje porque não quer convencer as pessoas sobre uma verdade absoluta, ao contrário da maioria das religiões”. (Pierre Verger)<sup>7</sup>

Por motivos ainda não esclarecidos estes “libertadores” disseminam o preconceito a cultura e a religiosidade. Por outro lado, a riqueza desta é tanta que em sua fonte brotam elementos para a continuidade dos brinquedos no Brasil e em especial em Pernambuco. Uma série de traços culturais, ideológicos, institucionais, nos é repassada pela oralidade e costumes, além de ensinar e encantar a cada momento através de suas brincadeiras. Nesta ocasião, vivemos um tempo de explosão cultural que em nosso hemisfério são os maracatus-nação. Alguns talvez perceberam a negritude aflorar principalmente nos Maracatus nação do Recife. Os grupos de maracatus, diferentemente dos maracatus tradicionais nação, não tem como características o fator religioso que poucos recordam de sua existência. Deve-se ter sempre a percepção de que o religioso (sagrado) e o profano intrinsecamente estão ligados (ELIADE, 1999; 16-20) e nas brincadeiras principalmente nas de matrizes africanas. Para tanto, vem desta relação profano e religiosa compreender quais os caminhos foram percorridos para que essa explosão cultural ocorresse, e o que poderia ter esta prática de pessoas simples e periféricas, encantar ou interessar as camadas mais abastadas de nossa sociedade e *a posteriori* ganhasse o Brasil e o mundo.

Tivemos no fim dos anos oitenta e meados dos anos noventa uma onda maracatuzeira primeiramente com o maracatu nação Pernambuco, que apesar do nome nada tem a ver com a “essência” dos maracatus nação tradicionais de baque virado, e após com o aparecimento do grupo Chico Sciense e Nação Zumbi que hibridizaram os ritmos dos maracatus nação e rural, rock e rap criando uma onda arrebatadora conhecida por mangue beat. Estes foram às sementes do diálogo entre a classe média com os arrabaldes, posteriormente os maracatus

---

<sup>7</sup> Folheto. Exposição realizada no instituto cultural Banco Real, entre os dias 18/10/2007 à 18/11/2007 em Recife. Da fundação Pierre Verger, intitulada O Brasil de Pierre Verger.



iniciaram suas ondas de popularização com instrumentos que deixariam os maracatus mais vistosos a cena cultural de Pernambuco, crescendo e se popularizando ainda mais no Início do século XXI.

Sua força pode ser medida, sobretudo, quando se constata que há nove anos consecutivos os maracatus-nação abrem oficialmente o carnaval da cidade do Recife com o show dirigido pelo percussionista Naná Vasconcelos. A força atual dos maracatus-nação pode ser atestada no surgimento de grande número de grupos, que ocorreu ao longo dos últimos dez anos<sup>8</sup>

Os maracatus de origem nação aqui estão (em Pernambuco) e são reverenciados pelos que se encantam com as mini celebrações, podendo sentir isso nos desfiles das agremiações (maracatus) no domingo de carnaval, - quando as arquibancadas ficam sorteadas para assistirem as disputas dos maracatus - na errante passarela carnavalesca, e no mais que tradicional Pátio do terço, na noite dos tambores silenciosos na segunda-feira de carnaval.<sup>9</sup>

Em meio aos grupos de maracatus há a incansável e espúria discussão de tradicionalismo ou espetáculo, qual maracatu é mais burguês ou perdeu tradição ao absorver os brancos e ou a classe média nos batuques do maracatu embranquecendo-os? Nossa tradição ou cultura permite isso? Pode-se fazer “paradinhas”? Pode-se introduzir novos instrumentos? Não sei responder. E quem puder e/ou se ache com propriedade para respondê-la, o faça, pois colocamos como uma discussão bastante delicada que merece bastante análise antes de enunciar qualquer fato.

---

<sup>8</sup> Lima, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus nação e a espetacularização da cultura Popular. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Tese doutorado em História. P. 25.

<sup>9</sup> Pode-se ter uma compreensão da evolução da noite dos tambores silenciosos na dissertação de, SILVA JUNIOR, Luiz Justino da. A manifestação do sagrado na noite dos tambores silenciosos. Recife: UNICAP, 2009. Dissertação de mestrado em ciências da religião da universidade católica de Pernambuco. 2009.



Fig. 7. Baiana rica da nação de maracatu Estrela Brilhante do Recife. Noite dos tambores silenciosos em 2007

### TRADIÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE

Tradição e cultura se confundem e os maracatus nação se “culturalizaram” e ganharam representatividade enquanto os rurais não, alguns se tornaram até baque virado, como Cambinda Estrela, Indiano e Almirante do Forte, então em que ponto pode discutir tradição, será que se os maracatus se deixassem “tradicionalizar” teriam a repercussão atual? A história e ao historiador não se permitiu esse tipo de ajuizamento, mas os populares o podem, então



muitas discussões hão de vir entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras, maracatus nação e grupos percussivos, entre outros interessados e apaixonados pelo maracatu do tipo nação.

O maracatu ainda é cercado de lendárias histórias sobre sua possível gênese, engendrando pelo lado poético do seu possível nascimento. Inúmeras e possíveis explicações a cerca do maracatu já foram aventuradas, mas nenhuma satisfatória ou podendo se colocar como verídica.

Essa preocupação com a etimologia nos remete a uma discussão perseguida, incessantemente, pela historiografia pernambucana ou aquela que se dedicou a pensar os maracatus nação: a busca por suas origens (...). Conhecer a origem, e começo de tudo numa perspectiva política garante ao sujeito certo controle e julgamento sobre a manifestação em questão, gerando conceitos e ideologias que remetem práticas e costumes a determinados lugares, territórios, espaços... Garante também o poder de julgar quais as manifestações que podem ser consideradas impuras ou deturpadas, e isso para a história dos maracatus no contexto dos concursos carnavalescos e de sua legitimidade na sociedade não constitui pouca coisa. Eis um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas de samba e afoxés pernambucanos: o mito de origem lhes deu o rótulo de estrangeiro em terras pernambucanas... ainda hoje enfrenta rejeições por parte de setores da sociedade local...<sup>10</sup>

Ou seja, ninguém sabe ou pode afirmar ao certo como teria surgido a manifestação, o que temos acerca do tema são conjecturas causando um desgaste na busca de uma resposta.

Por tradição pode-se entender herança da civilização, legado de crenças, conjunto dos valores morais, espirituais transmitidos de geração em geração, conjunto de doutrinas essenciais ou dogmas escritos ou não sagrados, mas que, reconhecidos e aceitos por sua ortodoxia e autoridade. Já a cultura pode-se entendê-la como forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais de um lugar ou período, como por exemplo, criados por padrões sociais ligados à criação e difusão das artes. As identidades são construções que carregam bastante simbolismo e individualismo de cada grupo, Roger Chartier diz: Todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe.<sup>11</sup> A etnologia irá tomar-se uma forma de exegese que não deixou de fornecer ao Ocidente moderno com o que

---

<sup>10</sup> Lima, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus nação e a espetacularização da cultura Popular. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Tese doutorado em História. P 39.

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. História cultural entre práticas e representações. 2 edição. Difel. Ler introdução.



articular sua identidade numa relação com o passado ou o futuro, com o estranho ou a natureza. (CERTEAU. 1982: 221)

No caso de nosso maracatu, entre outros, vemos como uma reciprocidade, à proporção que a mídia utilizada politicamente faz com que as tradições se modelem ao mercado comercial, e sendo assim as nações de maracatu que não o fizerem ficam para trás no mercado de apresentações, se as fizerem iniciam seu escalonamento midiático da imagem perante a sociedade, fazendo com que os grupos se tornem dependentes financeiramente do poder público.

... A arte, como a política, não é “pura”, não é neutra: sua produção reproduz relações conflitivas e de lutas reais na sociedade; (...) A tentativa do Estado de ocupar essa esfera representa um passo no sentido de penetrar ideologicamente numa esfera mais profunda que a propaganda política, imediatista, não invade. (...) essa área é importante para a consecução de objetivos político-ideológicos, como o é a arte em geral, e, mais ainda, toda a política cultural. A cultura mais do que a política, invade esferas mais profundas e decisivas do comportamento, da ação e do posicionamento humano perante o mundo. Não se sabe se os administradores da cultura sempre souberam disso; de qualquer maneira, mesmo intuitivamente, a ação pública sobre a produção cultural sempre foi decisiva para a manutenção do poder sobre os cidadãos.<sup>12</sup>

Para a sobrevivência deste brinquedo neste mundo globalizado cheio de novas opções, qualquer segmento deve usar as armas que tem, mas sem a “descaracterização”, como alguns maracatuzeiros ponderam. Por outro lado o questionamento vem à tona, o que seria a caracterização? O maracatu é coisa de negro? O maracatu atual tem características dos maracatus de quarenta anos atrás? E estes seriam os mesmos do século XIX? Para ser maracatu, o que é preciso? E para ser nação? São questionamentos cheios de significados que podem ou não trazer uma possível crise de identidade nas nações do Recife, por isso talvez os maracatus tentem ser a continuidade dos antigos tentando manter uma razão platônica acerca do brinquedo.

Quando se pensa a cultura popular na atualidade, algumas perguntas são inevitáveis. Trata-se de um conceito ainda válido para os estudos históricos? Se sim, como operacionalizá-lo, tomando-se como objeto um mundo em constante e rápida transformação, em que a indústria cultural de tudo se apropria? Existe em Casa Forte, um bairro de classe média alta da cidade do Recife, um maracatu feito por jovens brancos, denominado por Batuque Estrelado. Não discutiremos aqui as razões que levaram o grupo a formar um maracatu em 1999, ápice do Movimento Mangue Beat. Mas pode-se

---

<sup>12</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. QUEM MANIPULA QUEM? Poder e massa na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Petrópolis. ed. Vozes, 1989. 3 edição. pag. 92-94.



perfeitamente interrogar sobre o que distingue este grupo - que possui fantasias, cortejo real, instrumentos de percussão e excelentes músicos -, de um maracatu-nação feito em Chão de Estrelas, comunidade carente da zona norte do Recife, possuidora de um dos mais baixos IDH da cidade. Uma série de pequenas diferenças pode ser apontada desde a forma como se confecciona as fantasias, o material utilizado, bem como os sentidos que possuem para aqueles que as vestem. Todos estes detalhes podem ser estendidos ao cortejo real, em que reis e rainhas, damas do paço e calunga têm papéis sociais marcadamente distintos nos dois maracatus. Há que se acrescentar também as diferenças no batuque, na forma de cantar e no ritmo (tempo) em que o conjunto musical executa os baques. Sobressaem em todos estes aspectos, a relação que se estabelece, cotidianamente, em todo e qualquer momento com o sagrado. Pode-se afirmar que um é mais maracatu que o outro? Há aqueles que afirmam categoricamente que sim, que o Batuque Estrelado pode ser definido como um grupo “estilizado” ou parafolclórico.

Portanto, o “verdadeiro” maracatu seria aquele feito pelos mais pobres, afrodescendentes em sua maioria. Porém, podemos afirmar que ambos são diferentes, uma vez que o Batuque Estrelado faz maracatu num momento cultural em que esta manifestação está em cena, mas isto não implica em superioridade de um para o outro, mas uma relação de alteridade, em que a diferença está na inserção social de cada um deles. Só ao segundo maracatu considera-se “legítimo” denominar de cultura popular.<sup>13</sup>

Há quem afirme que o tambor de maracatu “enfeitiça” como uma canção de sereia. Penso que se assim fosse, todos os maracatus deveriam ter centenas de integrantes em suas percussões ou batucadas, não sendo o constatado na cena cultural pernambucana. Onde assistimos hoje os grupos percussivos ser maiores que muitas nações, a que se deve isso? César Guerra Peixe em maracatus do Recife deu suas impressões dizendo ser impraticável tecnicamente e por razões rítmicas, (naquela época) se chegar ao número de cem batuqueiros<sup>14</sup>, coisa que atualmente aproximadamente 60 anos após sua publicação facilmente se ultrapassa, levando em consideração que para a história 60 anos é pouco tempo. Pois, compreender a aproximação e adesão ao africanismo cultural da população maracatuzeira é bastante curioso. Hoje em dia cabem sem cair na demagogia em alguns maracatus uns vinte dos de antigamente, tempos em que o maracatu que tivesse doze batuqueiros era o grande maracatu da época, e totalizando

---

<sup>13</sup> Lima, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus nação e a espetacularização da cultura Popular*. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Tese doutorado em História.

<sup>14</sup> GUERRA-PEIXE, César. *Maracatus do Recife*. São Paulo: Irmãos Vital; Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1980. 171p. Hoje temos registros de maracatus que saem as ruas no carnaval com aproximadamente cem alfaias de maracatu, sem citar os demais instrumentos como o “gonguê ou agogô”, caixas de guerra e taróis, agbês, mineiro ou maracá e em alguns casos tinbáis. Por exemplo, o Estrela Brilhante do Recife e Porto Rico do Oriente que revezam os títulos de campeão do carnaval de Pernambuco.



toda a nação chegar ao máximo de cinquenta pessoas, e hoje temos maracatus desfilando com mais de quinhentas pessoas com uma batucada de 120 integrantes. Se os grupos percussivos estão tomando a vez dos maracatus nação, não sei, mas é sabido que a prática de tocar o maracatu está na moda, e para os grupos isso é bom? Pode ser desde que além de divulgar a cultura e a tradição negra, abram um caminho para o diálogo mais profícuo com a sociedade branca, conscientizando sobre o que tantos negros e negras de periferia querem a igualdade, não sendo tratados indiferentes por serem negros e negras pobres dos arrabaldes da cidade, a fim de que o preconceito camuflado na sociedade não mais aflore em nosso Brasil, da atualidade. Que não fiquem apenas na intenção de tocar tambor por ser legal, e sim pelo seu significado histórico.

### CONCLUSÃO

No Recife a cena cultural esta para o maracatu como o maracatu esta para a cena cultural, ou seja, andam de mãos dadas em determinados momentos. O maracatu está na abertura do carnaval com as nações sob a batuta de Naná Vasconcelos, renomado percussionista pernambucano, que na última abertura contivemos doze nações, nem todas representadas no espetáculo, outros grupos ficam fora por questões políticas ou divergências com as autoridades que “zelam” pela cultura da cidade. Em outro ponto de discussão as nações que trabalham de modo contrário ao modo espetacularizado perdem apresentações por seu discurso de auto-afirmação negra do maracatu, por questões ainda não claras as representações dos maracatus são bastante discutidas. Hoje poucos são os que querem “consumir consciência” no reinado de momo, querem na verdade circo, festa e para a maior parte da sociedade mais vale ver os folclorizados grupos de carnaval do que saber o que eles representam e a sua luta e significação perante a comunidade em que se inserem. Os maracatus ainda mantêm uma tenaz discussão sobre descaracterização, vemos esta discussão como uma contenda entre irmão que tem ciúmes do outro tentando encontrar algo em que o primeiro tire vantagens sobre os outros, se nos afastarmos das emoções, notaremos que nada se tem de tradicional, este foi construção, visto que nos séculos anteriores houve modificações tão singelas e sutis que pouco a pouco chegamos a este modelo atual, e que após alguns anos a frente terá outros elementos característicos de seu tempo. Portanto tantos outros elementos do maracatu foram retirados e outros inseridos causando os efeitos desejados para que este se



transformasse em produto consumível para ser vendido para quem se interessasse pela tradição transformada em cultura vendável no mercado musical.

### Referências Bibliográficas

BERGER, Peter Ludwing. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. Trad. de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985. 192 p.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. História cultural entre práticas e representações. 2 edição. Difel. 240 p.

COSTA, F. A. Pereira da. Anais Pernambucanos (coleção pernambucana 2ª fase, V 10)

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Trad. de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 192p.

GINZBURG, Carlo. Sinais Raizes de um paradigma inidiário. *In: MITOS, EMBLEMAS, SINAIS: morfologia e história.* Tradução: Federico Carotti. 2 Edição. São Paulo: CIA das letras, 2003.

GUERRA-PEIXE, César. Maracatus do Recife. São Paulo: Irmãos Vitale; Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1980. 171p.

MAC CORD, Marcelo. O Rosário de D. Antônio: irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872, Recife, FAPESP/Editora Universitária UFPE, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. QUEM MANIPULA QUEM? Poder e massa na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Petrópolis. ed. Vozes, 1989. 3 edição. 163 p.

REAL, Katarina. Eudes: O rei do maracatu. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2001. 145p.

SETTE, Mário. Maxambombas e Maracatus. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. 256 p.

VASCONCELOS, Sérgio S. Douets. O sincretismo afro-católico: a solução de um trauma. *In: BRANDÃO, Silvana (Org.). História das religiões no Brasil.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. Vol. 3. 410p.



## IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

### **Folhetos e Artigos**

Folheto. Exposição realizada no instituto cultural Banco Real, entre os dias 18/10/2007 à 18/11/2007 em Recife. Da fundação Pierre Verger, intitulada O Brasil de Pierre Verger.

GUILLEN, Isabel. Rainhas coroadas: História e ritual nos maracatus-nação do Recife. Caderno de estudos sociais. Vol. II, nº 1 Jan/Jun. 2004-Fundaj. Pag. 38-51.

### **Teses e Dissertações**

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus nação e a espetacularização da cultura Popular. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Tese doutorado em História.

SILVA JUNIOR, Luiz Justino da. A manifestação do sagrado na noite dos tambores silenciosos. Recife: UNICAP, 2009. Dissertação de mestrado em ciências da religião pela Universidade Católica de Pernambuco. 2009.